

Índice

Uma resposta cristã à ideologia trans.....	1
Os pais perante a confusão dos filhos.....	4

Uma resposta cristã à ideologia trans

Na última década, a nossa cultura experimentou uma crescente difusão da ideologia trans, segundo a qual o sexo biológico e a identidade de uma pessoa não têm uma ligação necessária e, de facto, poderiam não coincidir. O bispo de Arlington (Virgínia), Michael F. Burbidge, publicou um documento que apresenta o ensinamento da Igreja católica sobre a identidade sexual e a ideologia trans, com algumas sugestões pastorais. Apresentamos um extrato.

Na nossa sociedade, observa-se um rápido aumento do número de pessoas que afirmam ter uma identidade contrária ao seu sexo biológico. As tentativas de dar espaço a tais afirmações já provocaram significativas mudanças nos nossos sistemas sociais, jurídicos e de saúde.

Esta situação acarreta um sério desafio a todos os membros da Igreja, porque pressupõe uma visão da pessoa humana que é contrária à verdade. Isto é motivo de especial preocupação no caso dos jovens, como o Papa Francisco advertiu: "(...) Não brinquemos com as verdades. É certo que por detrás de tudo isto encontramos a ideologia de género. Nos livros, as crianças aprendem que é possível mudar de sexo. Poderia o género, o ser mulher ou homem, ser uma opção e não um facto da natureza? Isto conduz ao erro. Chamemos as coisas pelo seu nome".

Disforia de género

A "disforia de género" é uma condição psicológica em que um homem ou uma mulher vem a sentir que a sua identidade emocional e/ou psicológica não coincide com o seu sexo biológico e, conseqüentemente, "experimenta uma angústia clinicamente significativa", de acordo com a American Psychiatric Association.

As situações que refletem a disforia de género devem sempre abordar-se com caridade pastoral e compaixão arraigada na verdade. (...) Ao mesmo tempo, ao responder a esta questão com justiça e caridade, não se pode negar ou ocultar a verdade sobre a nossa natureza criada e a nossa sexualidade humana. (...)

Pela medicina, pela lei natural e pela revelação divina, sabemos que cada pessoa é criada como homem ou mulher, desde o momento da concepção. "Não se deve ignorar – escreve o Papa Francisco – que 'o sexo biológico (sex) e o papel sociocultural do sexo (gender) se podem distinguir, mas não separar' [relação final do Sínodo da Família 2015] (...) Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra coisa é aceitar ideologias que pretendem partir em dois os aspetos inseparáveis da realidade" ("Amoris laetitia", n. 56).

Três princípios

(...) O ensinamento da Igreja baseia-se em três princípios, todos possíveis de conhecer por meio da razão humana.

Primeiro, a pessoa humana é uma “alma encarnada”, composta do espiritual e do físico. A alma humana é criada para animar um corpo em particular. Ser uma pessoa humana significa ser uma unidade de corpo e alma a partir da concepção. (...)

Em segundo lugar, e de acordo com o testemunho autorizado da Escritura (Gn 1, 27), a pessoa humana é criada homem ou mulher. A alma humana é criada para animar e ser encarnada por um corpo em particular, especificamente masculino ou feminino. O sexo de uma pessoa é uma realidade biológica imutável, determinada na concepção. (...)

“A sexualidade abrange todos os aspetos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Tem a ver particularmente com a afetividade, a capacidade de amar e de procriar e, de modo mais geral, a aptidão para estabelecer vínculos de comunhão com outro. Cabe a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar a sua identidade sexual” (CIC n. 232-233).

É importante ter em conta que pode haver uma variedade de formas em que uma pessoa pode expressar a sua identidade sexual como homem ou mulher, de acordo com as normas e práticas de uma época ou cultura em particular. Além disso, uma pessoa pode ter interesses atípicos, mas isto não altera a identidade sexual da pessoa como homem ou mulher.

Em terceiro lugar, as diferenças entre homem e mulher estão ordenadas para a sua união complementar no casamento. (...)

“O homem e a mulher estão feitos ‘um para o outro’: não é que Deus os tenha feito ‘pela metade’ e ‘incompletos’; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser ‘ajuda’ para o outro, porque são simultaneamente iguais enquanto pessoas (‘osso dos meus ossos...’) e complementares enquanto masculino e feminino. No casamento, Deus une-os de maneira que, formando ‘uma só carne’, possam transmitir a vida humana” (CIC, n. 372). (...) A diferença sexual está no núcleo da vida familiar. As crianças necessitam e têm direito a um pai e a uma mãe.

A nossa natureza humana ferida

Estas verdades sobre a pessoa humana, acessíveis à razão natural, adquirem uma extraordinária dignidade na visão cristã. (...) Infelizmente, experimentamos a nossa natureza humana não como a harmonia original que pretendia o Criador, mas

como uma natureza caída e ferida. Um dos legados do pecado original é a falta de harmonia e a alienação entre o corpo e a alma. (...) Toda a gente experimenta esta falta de harmonia de diversas formas e em diversos graus. No entanto, isto não nega a profunda unidade do corpo e da alma da pessoa humana. (...)

Uma pessoa pode experimentar esta tensão e alienação entre o corpo e a alma tão profundamente, que venha a afirmar ter um “sentido interno” de identidade sexual diferente do seu sexo biológico. Esta condição foi designada pela American Psychiatric Association (APA), em 2013, como “disforia de género” (“Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders”, 5th ed.).

Numa perspetiva teológica, a experiência deste conflito interior não constitui pecado em si mesma, devendo sim entender-se como uma desordem que reflete a falta de harmonia mais ampla causada pelo pecado original. (...) Todo o indivíduo que experimente esta condição deve ser tratado com respeito, justiça e caridade.

No entanto, a novidade no nosso tempo é a crescente aceitação cultural da afirmação errada de que algumas pessoas, incluindo crianças e adolescentes, estão “num” “corpo errado” e, portanto, devem submeter-se a uma “transição de género”, seja para aliviar essa angústia, ou como uma expressão de autonomia pessoal. Por vezes, isto implica mudanças psicossociais: a pessoa afirma uma nova identidade, reforçada por uma alteração de nome, de pronomes e de modo de vestir. Outras vezes, implica uma mudança médica ou cirúrgica: a pessoa recorre a tratamentos químicos ou cirúrgicos que alteram o funcionamento e a aparência do corpo e afetam mesmo ou destroem órgãos reprodutivos sãos.

Na sua essência, a afirmação de uma identidade “trans” recusa o significado do corpo sexuado e procura a validação cultural, médica e jurídica da identidade autodefinida pela pessoa, uma abordagem designada por “afirmação de género”. (...)

O que testemunha a ciência

Sabemos pela biologia que o sexo de uma pessoa está determinado geneticamente desde a concepção, o que se reflete em cada uma das células do seu corpo. Como o corpo nos fala de nós mesmos, o nosso sexo biológico indica, de facto, a nossa identidade inalienável como homem ou mulher.

Portanto, a chamada “transição” poderia alterar a aparência e traços físicos de uma pessoa (hormonas, seios, órgãos genitais, etc.), mas, de facto, não altera a verdade da identidade da pessoa como homem ou mulher, uma verdade refletida em cada célula do corpo. Efetivamente, nenhuma determinada quantidade de hormonas “masculinizantes” ou “feminizantes”

ou cirurgia podem converter um homem numa mulher, ou uma mulher num homem.

A resposta cristã

Um discípulo de Cristo deseja amar todas as pessoas e procurar ativamente o seu bem. A difamação ou o assédio a qualquer pessoa, incluindo as que sofrem de disforia de género, deve rejeitar-se como incompatível com o Evangelho.

Todavia, neste campo sensível da identidade, existe o grave perigo de uma caridade desviada e de uma falsa compaixão. Os cristãos devem falar e atuar sempre, tanto com caridade, como com verdade. (...)

A pretensão de “ser trans” ou o desejo de procurar uma “transição” baseia-se numa visão errada da pessoa humana, recusa do corpo como uma dádiva de Deus e provoca um dano grave. Afirmar alguém numa identidade em desacordo com o seu sexo biológico, ou apoiar a “transição” desejada por uma pessoa é enganá-la. Pressupõe falar e interagir com essa pessoa de um modo falso. Embora a lei da gradualidade nos possa levar a procurar o melhor momento para comunicar a plenitude da verdade, em nenhuma circunstância podemos confirmar uma pessoa no erro.

Existe uma ampla evidência de que a “afirmação de género” não só não resolve as lutas internas de uma pessoa, como, de facto, também pode exacerbá-las. A aceitação e/ou aprovação da identidade trans declarada por uma pessoa é particularmente perigosa no caso das crianças, cujo desenvolvimento psicológico é, simultaneamente, delicado e incompleto. Em primeiro lugar e, acima de tudo, uma criança necessita de saber a verdade: que ele ou ela foi criado homem ou mulher, para sempre. Afirmar a autoperceção distorcida de uma criança, ou apoiar o desejo de “ser” outra pessoa diferente da pessoa (homem ou mulher) que Deus criou, engana gravemente e confunde a criança sobre “quem” é.

Além disso, as intervenções médicas ou cirúrgicas para a “afirmação de género” causam danos corporais importantes, mesmo irreparáveis, a crianças e adolescentes. Incluem o uso de bloqueadores da puberdade (de facto, castração química) para deter o desenvolvimento psicológico e físico natural de uma criança sã, hormonas do sexo oposto para induzir o desenvolvimento de características sexuais secundárias do sexo oposto e a cirurgia para extirpar os seios, órgãos e/ou genitais sãos de adolescentes. Este tipo de intervenções implicam graves mutilações do corpo humano, e são moralmente inaceitáveis.

Embora alguns ativistas justifiquem a “afirmação de género” como necessária para reduzir o risco de suicídio, tais medidas parecem oferecer apenas um alívio psicológico temporário, e o

risco de suicídio continua a ser significativamente elevado após as medidas de “transição de género”.

Falar com verdade

Os adolescentes são particularmente vulneráveis às declarações de que a “transição de género” resolverá as suas dificuldades. Mas os estudos a longo prazo mostram “taxas mais elevadas de mortalidade, comportamento suicida e morbilidade psiquiátrica em pessoas com transição de género comparativamente à população em geral” [segundo um estudo de d’Abrera, J., *et al.* (2020)].

(...) Aqueles que declaram uma identidade trans e/ou procuram a “transição”, adotam muitas vezes novos nomes e pronomes que refletem a identidade desejada e insistem em que outros os utilizem quando se dirigem a eles. Tal uso pode parecer inofensivo e até parecer uma forma inocente de mostrar o amor e a aceitação de uma pessoa. Na realidade, (...) nunca podemos dizer algo contrário ao que sabemos ser verdade. Usar nomes e pronomes que contradizem a identidade dada por Deus à pessoa, é falar de modo falso.

(...) O direito a falar com verdade é inerente à pessoa humana e não lhe pode ser negado por nenhuma instituição humana. As tentativas do Estado, das empresas ou dos empregadores de impor tal linguagem, particularmente através de ameaças de ação judicial ou de perda do emprego, são injustas. Devemos amar na verdade, e a verdade deve ser transmitida com precisão através das nossas palavras.

Ninguém é trans

(...) Na altura de abordar este tema, é fundamental situá-lo no contexto mais amplo da natureza da pessoa humana, da unidade corpo/alma e da santidade do corpo. A ideologia transgénero não existe isolada, fazendo parte da confusão mais ampla da nossa cultura sobre o corpo, a sexualidade, o homem, a mulher, etc.

Além disso, é sempre importante distinguir entre a experiência subjetiva de uma pessoa e a sua culpabilidade moral. A Igreja ensina que uma pessoa é criada homem ou mulher. Ninguém “é” trans. Uma pessoa que se identifica como trans, pode experimentar sentimentos inquietantes, confusão ou uma crença errada de que ele ou ela é ou pode “converter-se” em alguém diferente. A Igreja não diz que as pessoas que experimentam disforia ou confusão de género são imorais ou más. Ao mesmo tempo, uma pessoa que deliberadamente recusa a sua identidade oferecida ou o seu corpo sexuado e procura intervenções

médicas ou cirúrgicas nocivas, está a seguir um caminho que é objetivamente incorreto e prejudicial em muitos níveis. A Igreja sente uma especial solicitude pelos que estão a sofrer e deseja conduzi-los à verdade e à cura. (...)

Deve ter-se especial cuidado ao falar com crianças que experimentam disforia de género, ou que expressam a crença numa identidade incongruente com o seu sexo biológico. O acompanhamento autêntico exige que se mantenha com firmeza a verdade da pessoa humana, ao mesmo tempo que se guia pacientemente a criança para essa verdade. (...)

Os pais perante a confusão dos filhos

A ideologia transgénero está a ser celebrada, promovida e impulsionada pelas plataformas de redes sociais e mesmo pela programação infantil. Grande parte do bom trabalho e testemunho feito pelos pais pode vir a desfazer-se rapidamente pelo acesso de uma criança à Internet sem supervisão ou sem restrições.

(...) [No sistema de ensino público] as políticas atuais obrigam ao uso de nomes e/ou pronomes escolhidos pelo aluno. Em muitas escolas, o pessoal deve afirmar a “identidade de género” declarada pela criança e facilitar a “transição”, inclusivamente sem informar nem pedir a licença dos pais. Os pais com filhos em escolas públicas devem, portanto, falar com os seus filhos da doutrina católica sobre estes temas (...).

O cuidado pastoral da Igreja estende-se especialmente àqueles pais cujos filhos sofrem disforia de género ou sentem angústia com a sua identidade oferecida por Deus como homem ou mulher. Em tais situações, os pais experimentam uma profunda dor perante o sofrimento dos seus filhos. (...)

Em circunstâncias difíceis, os pais muitas vezes veem-se tentados a pensar que a sua fé católica está em desacordo com o que é bom para o(a) seu(sua) filho(a). Mas, de facto, o amor autêntico pelos seus filhos está sempre unido à verdade. No caso da disforia de género, isto significa reconhecer que a felicidade e a paz não se encontrarão na recusa da verdade da pessoa humana e do corpo humano.

Portanto, os pais devem resistir às soluções simplistas apresentadas pelos defensores da ideologia de género e devem esforçar-se por descobrir e abordar as verdadeiras razões da dor e da infelicidade dos seus filhos. Devem procurar médicos de confiança para obter um bom conselho. Reunir-se com outros pais que passaram por provas similares também pode ser uma fonte de força e apoio. Em nenhuma circunstância os pais devem procurar a terapia de “afirmação de género” para os seus filhos, visto ser fundamentalmente incompatível com a

verdade da pessoa humana. (...) Confiando em Deus, os pais devem estar seguros de que a máxima felicidade de uma criança reside em aceitar o corpo como uma dádiva de Deus e descobrir a sua verdadeira identidade como filho ou filha de Deus.

Para os que lutam

Por último, algumas palavras para os que se debatem com a disforia de género. (...) Embora a pessoa possa ter dificuldades com o seu corpo ou com a imagem de si própria, o amor incondicional de Deus por ela significa que Ele também a ama na totalidade do seu corpo. A nossa obrigação essencial de respeitar e cuidar do corpo provém do facto de que o nosso corpo é parte da pessoa que Deus ama.

Devemos estar em guarda contra soluções simplistas que prometem um alívio das nossas lutas através da mudança de nome, pronomes, ou até da aparência do nosso corpo. Há muitos que percorreram esse caminho antes de si, só para o lamentar a seguir. O caminho difícil mas mais promissor para a alegria e a paz, é trabalhar com um conselheiro, terapeuta, sacerdote e/ou amigo, para tomar consciência da bondade do seu corpo e da sua identidade como homem ou mulher.

Mais do que qualquer outra coisa, a Igreja deseja trazer-lhe o amor do próprio Jesus Cristo. Esse amor é inseparável da verdade de quem a pessoa é como alguém criado à imagem de Deus, renascido como um filho de Deus, e destinado à sua glória. Cristo sofreu por nós, não para evitarmos todo o sofrimento, mas para estar connosco no meio dessas lutas. A Igreja está aqui para assistir as pessoas e acompanhá-las neste caminho, para que conheçam a beleza do corpo e da alma que Deus lhes deu e vir a desfrutar “a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rom 8, 21).